

Pedro Henrique Javaroni Soares

**A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO
IDEOLOGIA ESTADUNIDENSE NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL**

Taubaté - SP

2020

Pedro Henrique Javaroni Soares

**A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO
IDEOLOGIA ESTADUNIDENSE NA SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, como trabalho de conclusão do curso de História, sob orientação do Prof. Moacir José dos Santos.

Taubaté – SP

2020

Pedro Henrique Javaroni Soares

A Influência Das Histórias Em Quadrinhos Como Ideologia Estadunidense Na Segunda Guerra Mundial

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Departamento de Ciências Sociais e Letras – Curso de História

Taubaté, novembro de 2020.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Moacir José dos Santos

1º Membro: Prof. Armino Boll

2º Membro: Prof(a). Dr(a). Rachel Duarte Abdala

Dedico a esse trabalho a todos os historiadores, cartunistas e quadrinistas, que me deram a oportunidade de estudar sobre um tema tão profundo e significativo. Dedico especialmente ao mestre Stan Lee, que foi uma inspiração para a escolha do tema, e por criar um universo todo no qual posso entrar e tirar grandes lições.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me permitido chegar até onde cheguei.

A minha família, por ter sido meu apoio financeiro durante todo o curso.

Ao meu melhor amigo, Rodrigo, por estar sempre comigo durante esses seis anos de amizade que nos renderam muitos ensinamentos e risadas. Agradeço principalmente por me ajudar em qualquer momento, sem exceção nenhuma.

A minha namorada, Letícia, por ter me dado todo apoio emocional e por ter sido meu porto seguro durante todo o tempo.

Aos meus amigos da faculdade, Ana, Anderson, Isabella, Letícia e Murilo, por terem me ajudado em todos os aspectos acadêmicos.

Aos meus professores do curso, especialmente os professores Moacir e Rachel, por terem me ajudado, me apoiado e me ensinado em todo o percurso até aqui.

Ao Youtuber Vitor Vaz (do canal Vitor Vaz), por além de ter servido como inspiração ao tema do projeto, aceitou acompanhar os processos e me ajudar em algumas pesquisas.

“Aquele pessoa que ajuda os outros simplesmente porque deveria ou precisa ser feito, e porque é a coisa certa a fazer, é sem dúvida, um super-herói de verdade.”

(Stan Lee)

RESUMO

O uso de propagandas na Segunda Guerra Mundial foi de extrema importância para o recrutamento militar, e com isso as histórias em quadrinhos foram usadas como meio de atrair os jovens para servir ao exército estadunidense. Este trabalho tem como objetivo mostrar como as HQs foram responsáveis por atrair recrutas para servir sua pátria. O método utilizado para o desenvolvimento do trabalho foi à iconografia (o material analisado foram quadrinhos de diferentes épocas) tendo como fundamentação teórica a análise bibliográfica a partir de historiadores como Eric Hobsbawm, Tony Judt e artigos científicos referente a essa temática. A partir de uma análise dos Estados Unidos da América neste determinado contexto histórico tem um quadro importante para que possamos nos referir a essas representações do passado, suas intencionalidades e simbologias desenvolvidas para se narrar tais acontecimentos utilizando um lado egológico das experiências de memória. Também mostra quem eram os escritores e um pouco do porquê aceitarem se unir aos Estados Unidos da América para ajudar nas propagandas. Ao final desse trabalho, vimos que as fontes históricas foram muito ampliadas após o século XIX com a escola dos Annales. Os documentos oficiais eram as únicas fontes utilizadas no estudo de História. Quando as fontes foram abrangidas e a intertextualidade foi colocada como meio de estudo da História, os quadrinhos começaram a ter mais importância, por serem um reflexo social do contexto histórico que foram criadas. O trabalho traz a conclusão de que as histórias em quadrinhos podem sim serem usadas de maneira ideológica, além de serem fontes históricas.

Palavras chaves: HQ's. Segunda Guerra Mundial. Estudo da História.

ABSTRACT

The use of advertisements in World War II was extremely important for military recruitment, and comic books were used as a way of attracting young people to serve the US army. This paper aims to show how comics were responsible for attracting recruits to serve their homeland. The method used for the development of the work was iconography (the material analyzed were comics from different eras) having as theoretical basis the bibliographic analysis from historians such as Eric Hobsbawm, Tony Judt and scientific articles related to this theme. From an analysis of the United States of America in this particular historical context, it has an important framework for us to refer to these representations of the past, their intentionality and symbology developed to narrate such events using an egological side of the memory experiences. It also shows who the writers were and a little why they agreed to join the United States of America to help with advertising. At the end of this work, we saw that the historical sources were greatly expanded after the 19th century with the Annale's school. Official documents were the only sources used in the study of history. When the sources were covered and intertextuality was placed as a means of studying History, comics began to have more importance, as they are a social reflection of the historical context that were created. The work concludes that comic books can be used ideologically, in addition to being historical sources.

Keywords: HQ's. World War II. History study.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Captain America #1	19
Figura 02: National Pearl Harbor Remember Day	22
Figura 03: Propaganda: “Vamos pegar eles de calças curtas”	23
Figura 04: Trinity: A História em Quadrinhos da Primeira Bomba Atômica	28
Figura 05: The Fantastic Four comics #1	30
Figura 06: Batman: O Cavaleiro das Trevas	31
Figura 07: Watchmen #1	32
Figura 08: João Cândido e a Revolução que abalou o Brasil	34
Figura 09: O Guarani em Quadrinhos	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. HISTÓRIA E QUADRINHOS	13
3. DA CRISE À GUERRA FRIA	24
4. FONTES HISTÓRICAS E QUADRINHOS	37
5. CONCLUSÃO.....	47
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1. INTRODUÇÃO

Na Segunda Guerra Mundial, muitos países precisaram de reforços nas áreas militares, e pensando nisso começaram a apostar muito na propaganda para chamar a atenção dos jovens a se alistarem. Linear a esse período, as Histórias em Quadrinhos vinham sendo criadas e começavam a crescer muito com autores como Stan Lee, Jack Kirby, Jerry Siegel e Joe Shuster.

Nesse contexto as HQs começaram a ser usadas como propaganda militar e política pelos Estados Unidos da América, como personagens como o Superman e Capitão América. Eram histórias onde os personagens principais eram estadunidenses e combatiam um mal maior que era o Nazismo, na maioria das vezes, ou outro regime fascista. Muitos desses cartunistas eram refugiados judeus, e por conta disso faziam essas histórias para combater a perseguição que viveram na Europa durante a Segunda Grande Guerra Mundial.

“Discurso ideológico, o quadrinho também é discurso que se faz político (ao nível de sua especificidade). Assim como o ideológico manifesta-se nos mais variados níveis de articulação formal, o político se manifesta em todos os níveis, seja de modo direto, seja de modo indireto. Seja de modo crítico, seja de modo ideológico.” (CIRNE, 1982. p. 20).

Como essas Histórias em Quadrinhos tinham um objetivo de atrair pessoas para a guerra, qual era a influência que tiveram naquela época?

Para essa pesquisa foi feita uma busca bibliográfica entre os cartunistas para sabermos a origem, como foi à vida deles durante a Segunda Guerra Mundial, o porquê do uso dos quadrinhos para propaganda. De mesmo modo analisaremos as histórias em quadrinhos para procurar como elas influenciam pelas cores, as histórias e os temas que elas abordam. A pesquisa foi feita usando de artigos científicos e as próprias HQs como estudo, os escritores que vimos a biografia foram, os já citados, Stan Lee, Jack Kirby, Jerry Siegel e Joe Shuster. Foi pesquisado também a influência que esse meio de leitura trouxe nesse período de guerra e como o tema Segunda Guerra Mundial foi abordado por esses autores. Além de ver a toda a parte contextualizada no período, o trabalho também aborda a importância dos quadrinhos enquanto fonte histórica, analisando as ideologias, tornando assim as histórias em quadrinhos de grande importância para o estudo da época que foi feita, sendo analisados o contexto, o

período e o porquê foram criados. As histórias em quadrinhos são um reflexo da sociedade da época que foram escritas.

Esse trabalho tem como objetivo analisar as histórias em quadrinhos no período da Segunda Guerra Mundial e mostrar a importância das HQs na época como influência e propaganda, além de mostrar também a importância dessas HQs para os estudos atuais de História.

2. HISTÓRIA E QUADRINHOS

[...] A imagem não é aquilo que representa, não tem a transparência da palavra nem a opacidade do objeto; o meio do caminho do real e do imaginário, do documento e da ficção, ela fascina e também amedronta. Com a palavra, ou antes dela, a imagem acompanhou o homem em todas as suas necessidades, para se comunicar, para ensinar, para criticar os erros, para elevar, para destruir (CAGNIN, 2014).

Desde a pré-história o homem se comunica através de arte, sendo de forma escrita ou em forma de desenhos. As pinturas rupestres surgiram justamente para transcrever um momento, para ser lembrado de alguma maneira posteriormente. Nessas pinturas se encontravam desenhos de como eram os dias, em relações a estações do ano, caça e a como o homem se comportava. Com isso a arte foi se desenvolvendo e ganhando cada vez mais espaço na vida do ser humano, sendo para entretenimento ou para comunicação não verbal. Com base nessa comunicação que as Histórias em Quadrinhos começam a surgir na Europa de forma humorística, unindo a imagem e o texto (caricaturas) e os animais humanizados trazidos dos contos de fadas (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1984, p. 10). A partir dessas influências começaram a surgir evoluções e assim trazendo as primeiras formas de histórias ilustradas com texto, como por exemplo, “*as Histoires em Estampes* (1846), de Rodolphe Töpffer, na Suíça; *Max uns Moritz* (1865), de Wilhelm Busch, na Alemanha; e *As Cobranças* (1867), por Angelo Agostini, no Brasil”; (ROSA, 2014, p. 40).

As Histórias em Quadrinhos que vemos hoje, segundo Goida (2011, p. 9) são descendências das charges usadas no jornalismo que foram evoluindo conforme os anos até chegar no que entendemos hoje como HQs. No final do século XIX “os mais poderosos proprietários de jornais nos Estados Unidos”, Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, movidos por uma disputa por público começaram a ter ideias para atrair mais leitores imigrantes e semianalfabetos e para isso começaram a desenvolver desenhos com falas e histórias, com influência das caricaturas europeias, para atrair esse público-alvo. Essas histórias não tinham continuidade, eram histórias bem curtas de 3 a 6 quadrinhos com começo, meio e fim. Contudo, em 1895, surge Richar Outcault com seu quadrinho *The Yellow Kid*, aparecendo pela primeira vez na área sensacionalista do jornal *The New York World*. No começo era apenas uma história, mas devido ao sucesso, Outcault acabou por produzir seus quadrinhos semanalmente para o jornal. Foi nesse quadrinho que os personagens começaram a usar balões de fala, trazendo com o isso as HQs que conhecemos

hoje em dia. Por ter sido produzida de maneira contínua e com personagens já fixos como um produto de comunicação em massa, atingindo um público muito alto, com balões de fala, The Yellow Kid acabou sendo reconhecida como verdadeira primeira História em Quadrinhos. (FEIJÓ, 1997, p. 17).

[...] Não era apenas decorativo, mas também, e principalmente, registrar acontecimentos ou reforçar mitologias e crenças religiosas. Por quê? Porque a comunicação por meio de imagens reconhecíveis sempre permitiu que se atingisse um público muito mais amplo do que aquele capaz de ler no sentido tradicional (ler palavras e frases), ou seja, o público alfabetizado. [...] Na Idade Média, por exemplo, a Igreja abusava da arte sequencial para divulgar episódios da vida dos homens santos ou histórias religiosas junto a fiéis de pouca educação formal (op. cit., p. 14).

Após o surgimento de The Yellow Kid, os quadrinhos mantiveram o rumo humorístico (1900-1920). Havia também muita preocupação com a relação com a natureza e os animais, com cenários mais elaborados e detalhados. Já no período pós-guerra houve uma divergência que ocasionou em duas linhas: as correntes humorísticas e as intelectuais. Conforme as evoluções das HQs foram sendo desenvolvidas melhores vestimentas, mobiliárias e personagens, simbolizando assim os “novos ricos”. Os *Syndicates* estadunidenses surgem nessa época, que tinham os direitos sobre o trabalho dos desenhistas (venda e distribuição), eram responsáveis por manter uma ética nas histórias, então com isso as histórias não poderiam ofender nenhum tipo de leitor, assim como não eram tolerados palavrões explícitos, não poderiam conter nada relacionado a imoralidade e evitar sempre a demonstração de violência com mulheres, crianças e animais. (FURLAN, 1984, p. 29).

Após a Primeira Guerra Mundial vários países passaram por fortes crises econômicas e perto da década de 20, esses países fizeram um esforço para recuperar a taxa de câmbio fixa que existia antes do período da Primeira Guerra. Os países começaram a fazer as reservas econômicas em ouro e de divisas estrangeiras, trazendo assim um período econômico chamado de Padrão-Ouro. Para os Estados Unidos, os anos 1920 foram focados para expansão e foram de lucro ao país. Havia maiores produções com o taylorismo implantado nas indústrias. Nova Iorque se torna o Centro Financeiro Internacional, tomando o lugar de Londres. A renda nacional cresceu de maneira desigual. Havia setores econômicos que geravam bem mais receita que outros, podendo assim dar maiores salários. As empresas foram crescendo e com isso concentrando a renda. Wall Street era onde o dinheiro se concentrava mais nos EUA, fazendo um *boom* especulativo. Isso levou o governo a conter a

especulação aumentando a taxa de juros enquanto o Federal Reserve Bank aumentava os descontos. Essa política contracionista desacelerou o ritmo da economia estadunidense. Em 1929 houve uma crise que foi caracterizada pela contração econômica causada pelo estouro da bolha do mercado de ações. (BRITO, 2010, P.19).

[...] A crise de 1929 foi uma contração econômica causada pelo estouro da bolha do mercado de ações. Quando uma variedade de eventos menores levou a uma gradual diminuição nos preços em outubro de 1929, os investidores perderam a confiança no mercado e a bolha estourou. A queda dos preços forçou alguns investidores a liquidar seus ativos, o que acabou agravando tal queda (Romer, 2003). O pânico nas vendas dos papéis se iniciou na “Quinta-feira Negra”, em 24 de outubro. Em dois dias, o índice de preços do mercado de ações caiu de 298 para 230. Entre o pico em setembro e a baixa em novembro, tal índice declinou 40% (Blanchard, 2004). É graças a esta diminuição significativa que o acontecimento passou a ser conhecido como o Grande *Crash* de 1929 (BRITO, 2010, P.19).

Com a entrada das histórias policiais, ficção científica, guerra de cavalaria, faroeste etc. Em 1930 surge a “idade do ouro” dos quadrinhos, essas histórias que foram fortemente inspiradas pelo neoclassicismo, com grande destaque para todos os quadrinhos em preto e branco, ou os quadrinhos *Noir* como ficaram conhecidos atualmente. Desses destaques surgiram grandes nomes como: “Tarzan”, de Harold Foster (baseado na obra de Edgar Rice Burroughs), “Flash Gordon”, de Alex Raymond e, no fim da década, o “Super-Homem” (1938), de Joe Shuster e Jerry Siegel, e o “Batman” (1939), de Bob Kane; no Brasil, apareceram as primeiras publicações dedicadas aos quadrinhos: o *Suplemento Infantil* (1934), o *Globo Juvenil e Mirim* (1937) e o *Gibi* (1939), cujo título se transformaria em sinônimo de revista em quadrinhos. (XAVIER, 2016, p. 05).

Em 1940 o Estados Unidos da América entrou de vez na Segunda Guerra Mundial e com isso as preferências pelas histórias que as HQs contavam mudaram. A partir desse momento se proliferaram os quadrinhos sobre super-heróis, que se engajavam nos combates da Segunda Grande Guerra. Jack Kirby e Joe Simon criaram o “Capitão América” e William Moulton Martson juntamente com H. G. Peter a “Mulher-Maravilha”, símbolos claros da força e poder estadunidense. Esse período ficou conhecido como Era de Ouro no mundo das HQs. A primeira vez que esse termo foi utilizado foi em 1960 por Richard A. Lupoff, no artigo “Rebirth” em abril de 1960, já nos quadrinhos foi utilizada em 1963 na revista *Strange Tales* #114, da Marvel Comics. Na capa da revista, traz uma imagem do retorno do Capitão

América, que foi a maior marca da Era de Ouro dos quadrinhos. Houve uma discussão de como iriam decidir com clareza um período dentro do mundo de quadrinhos, dificuldade essa causada pelo número de títulos e autores que eram muitos. Contudo houve um consenso em relação a data inicial desse período, que foi a primeira aparição do Super-Homem. A partir desse ponto todas as obras que seguiram o estilo fizeram nascer um novo gênero, um novo conjunto que nomeou a Era de Ouro de super-heróis. Nessa época dos anos 40, houve o primeiro pico de vendas das HQs. (MARTINS, 2013, P.5)

Chegando na década de 50, as HQs voltaram a ser mais críticas, saindo um pouco desse teor de guerra. Os aspectos filosóficos e sociopsicológicos foram de fundamental importância para seu desenvolvimento na época. Foi nesse período que os “Peanuts” (“Turma do Charlie Brown”) foi criado por Charles Schultz, trazendo com isso uma filosofia existencialista e o movimento artístico “pop-art”, que se inspirou na publicidade e nas HQs. Os temas cômicos voltaram a ter um grande valor por conseguirem trazer um tom humorístico e que ao mesmo tempo traziam críticas com suas charges e caricaturas. As Histórias em Quadrinhos por sua vez, estavam muito mais violentas e sombrias, onde o terror imperava nas histórias. Isso ocasionou em certo preconceito que acabou gerando um novo código de autocensura das editoras dos EUA. Nesse mesmo período surge, segundo Mike Conroy, a Era de Prata dos quadrinhos com o lançamento do J’onn J’onzz, O Caçador de Marte em 1955, lançado pela DC Comics. Essa Era ficou marcada pela evolução dos Super-Heróis em relação aos seus poderes e explicações mais científicas, mesmo ainda sendo fantasiosas, dos poderes, exemplo disso é o Homem-Aranha que foi picado por uma aranha radioativa e ganhando todos os seus superpoderes (MARTINS, 2013, P.6).

Os anos 60 foram marcados pelo jovem movimento da contracultura que divergia dos valores tradicionais e obtiveram uma revolução nos costumes. Foi nesse período que muitos tabus foram colocados em HQs e heroínas surgiram com os movimentos feministas, tirando os Quadrinhos dos movimentos *underground*. No Brasil, a cultura começava a ser exposta em Histórias em Quadrinhos e em outubro de 1960, Ziraldo lança o personagem “Pererê”, sendo assim o primeiro personagem nacional a alcançar um grande sucesso tendo um título próprio. Já na Argentina, era lançada a personagem “Mafalda” criada por Quino em 1964 (MARTINS, 2013, P.6).

Na década de 70 a Europa lançava grandes álbuns de artistas de HQs. E essas Histórias em Quadrinhos foram julgadas pelo lado estético sendo consideradas “a grande manifestação artística do nosso século” (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1984, p. 13). Em solo brasileiro era

lançada a “Turma da Mônica” desenhada por Maurício de Souza em 1970, tornando-se futuramente, “o campeão de vendas e maior nome da indústria de quadrinhos nacionais” (ROSA, 2014, p. 47). Ainda no Brasil, mesmo estando em período de Ditadura Militar, grandes nomes surgiram no meio dos quadrinhos como Henfil, Luiz Gê, Laerte e os irmãos Caruso (MARTINS, 2013, P.7).

Os anos 80 foram marcados pela volta massiva dos super-heróis, porém com uma pegada mais adulta e bem menos infantil, como por exemplo a reformulação do “Batman” em “O Cavaleiro das Trevas” e também as criações de Alan Moore “V de Vingança” em 1983 e “*Watchmen*” em 1986. Em 1985 surgia “Calvin e Haroldo” por Bill Watterson, que foi a primeira tira semanal a ter uma repercussão mundial. No Brasil, a Editora Circo publicava grandes nomes dos quadrinhos nacionais como: “Chiclete com Banana”, “Geraldão”, “Piratas do Tietê” (MARTINS, 2013, P.7).

Em 1990 os quadrinhos passaram por reformulações físicas tornando-se mais bonitos e bem acabados, com capas duras e com o público algo mais adulto, as *Graphics Novels*. Nesse mesmo período o Japão entrou de cabeça na área das HQs trazendo sua cultura com os Mangás, trazendo consigo uma concorrência pesada para os quadrinhos americanos (MARTINS, 2013, P.7).

A evolução dos anos 2000 foi muito nítida, trazendo as Histórias em Quadrinhos para o cinema e acabou tornando uma prática em comum, logo que desde a estreia de “Homem Aranha” em 2002, não houve um ano, até o presente ano de 2020, sem que algum personagem de quadrinhos não tenha ganho uma versão cinematográfica. No Brasil, como um incentivo a leitura, grandes editoras começaram a publicar clássicos da literatura em Histórias em Quadrinhos (MARTINS, 2013, P.8).

Esse trabalho tem como foco observar como essas Histórias em Quadrinhos influenciaram, mais especificamente, na Segunda Guerra Mundial. Após a maior crise do capitalismo os EUA estavam tentando se recuperar lentamente, até que explode a Segunda Grande Guerra na Europa, que por sua vez, ocasionaram ataques que fariam os EUA declararem guerra ao Japão. O presidente Roosevelt tentou amenizar a crise que o país passava de 1929 de algumas maneiras, a principal foi o Novo Acordo (*New Deal*), mas também não resolveu por completo o problema econômico enfrentado. Essa crise foi apenas sanada, com a entrada estadunidense na guerra, como citado anteriormente, recuperando, além da economia, mas também a autoestima de seus compatriotas. Esse período também foi marcado por várias leis que ampliavam alguns direitos sociais, de maneira bem restrita logo

que mulheres, trabalhadores negros e trabalhadores rurais ou informais não receberam ainda os mesmos direitos perante o homem branco.

[...] Comparado aos Estados de bem-estar social dos países socialdemocratas da Europa, o New Deal de Roosevelt foi modesto. (...) trouxe em alguma medida segurança econômica para muita gente, transformando as relações entre cidadãos e o Estado por meio de uma garantia de uma mínima qualidade de vida e proteção social contra adversidades (PURDY, 2007, p. 210)

A ideologia nos quadrinhos tem um papel fundamental para a propaganda exercida pelo menos, que é o objeto de estudo desse trabalho. Segundo a teoria Marxista, referida ao materialismo dialético, feita por Karl Marx, a ideologia é um dos instrumentos da reprodução da vaidade mostrada nos status da própria sociedade, sendo um conjunto de elaboradas proposições na sociedade burguesa.

[...] o importante era o espírito e a luta para mudar a sociedade, era uma luta espiritual, uma luta crítica. [...] Eles acreditavam que criticando as ideias erradas, transformando a consciência [...], ou o pensamento dos homens, transformariam a sociedade (LÖWY, 2008, p. 23).

Com essa descrição pode-se entender que a ideologia por ser atribuída a qualquer ideia que fundamenta uma doutrina, ou seja, HQs podem e disseminam ideias de várias maneiras, principalmente no período de 1940 quando foi lançado o Capitão América. Para entendermos melhor essa ideia de ideologia que os quadrinhos trazem, vamos fazer uma análise da capa da primeira HQ do Capitão América, 1941.

Figura 01:



Fonte: KIRBY, Jack, 1941. Captain America #1, Timely Comics

[...] Além do seu companheiro inseparável Bucky, teve como aliados outros heróis criados e editados por aquela que se tornaria a maior rival da DC Comics, a Marvel Comics, na época chamada ainda de Timely Comics, tais como o Tocha Humana Original (o 'original' para diferenciar do Tocha Humana do Quarteto Fantástico, que seria criado nos anos 60), Union Jack (super herói combatente britânico) e Namor, o Príncipe Submarino. Juntos, eles formaram a equipe chamada Invasores que combatia na Europa as forças do Eixo (MARTINS, 2013, P.11).

Podemos ver nessa capa da HQ alguns aspectos interessantes que mostram as ideologias que o EUA queria mostrar pelo quadrinho. O primeiro detalhe importante são as cores utilizadas, sendo destacadas as cores azul, branco e vermelho, cores essas que representam a bandeira estadunidense. O próximo aspecto são os personagens que são destaques, Hitler e o Capitão América, representando, respectivamente, o nazismo e a democracia. Focando agora apenas no super-herói podemos ver a propaganda feita para a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, o herói utiliza apenas um escudo ao invés de uma arma, assim como estão armados os nazistas em torno da cena. O Capitão América utiliza apenas um escudo simbolizando que o país só estava se defendendo na Guerra e não atacando, passando assim uma imagem de um país que não teve outra escolha a não ser entrar na batalha. Outro detalhe interessante são os tiros sendo ricocheteados pelo corpo e escudo do super-herói mostrando como o país e o exército do EUA são impenetráveis e fortes.

[...] Durante a Segunda Guerra Mundial, os quadrinhos de super-heróis atingiram seu apogeu. Foi durante esta época histórica que ocorreu o maior número de vendas por exemplar. Em 1943, os quadrinhos vendiam 25 milhões de cópias por mês. Apenas o título do Capitão Marvel era responsável por mais de 1,5 milhão. A guerra agia como um fator catalisador sobre as vendas de quadrinhos. Os leitores viam nas revistas da época seus grandes super-heróis lutando contra os inimigos da América (SMEES, 2009).

Assim como o desenho da capa da HQ, a história do Capitão América também faz parte da ideologia. Steve Rogers é um órfão irlandês com graves problemas de saúde, que perdeu os pais na guerra. O garoto foi acolhido pelo Estado e com isso desenvolveu um sentimento patriota com o país, querendo assim, entrar para o exército e ajudar o país que o ajudou. Quando ele consegue passar no teste para o exército é selecionado para um experimento do super-soro que é injetado no mesmo. Com esse experimento, Steve acaba se tornando superforte e todas as suas doenças são curadas transformando o rapaz magrelo o soldado mais forte da história. Esse momento extremamente patriota faz com que o leitor se sinta como o rapaz magrelo, que entrou no exército e virou um herói. E que jovem no período de guerra não quer ser um herói? Esse é o questionamento que o quadrinho faz para todos os jovens que leram no período da guerra em 1941 um pouco antes do EUA entrar em definitivo na Guerra após o ataque de Pearl Harbor.

Assim como o Capitão América, outro herói extremamente importante e com bastantes ideologias é o Super-Homem (Kal-El). Um ser de outro planeta (Krypton) que foi enviado quando criança, pelo seu pai, para a Terra. Kal-El cai na cidade de Smallville e é encontrado por um casal de fazendeiros que o adotam e mudam seu nome para Clark Kent. O agora Clark esconde seus poderes durante muito tempo e se muda para uma cidade grande onde se forma em jornalismo. Mas logo precisa utilizar seus poderes para combater forças nazistas, assim como na história do Capitão América.

[...] Contudo, em 1945, a guerra acabara, e não fora nem Superman nem o Capitão América quem acertara um direto de direita na face de Hitler, mas seres humanos normais. Os soldados aliados haviam vencido a guerra sem a ajuda de superpoderes e, de volta para casa, não estavam mais interessados em superaventuras patrióticas, mas na manutenção de suas famílias. As pessoas começaram a perder o interesse pelas revistas de super-heróis. Personagens como Tocha Humana, Namor, Flash e Lanterna Verde deixaram de ser publicados por volta de 1949. Apenas Superman, Batman, Mulher-Maravilha, Arqueiro Verde e Aquaman resistiram (SMEES, 2009).

A inspiração para essas HQs no período de Guerra veio diretamente das propagandas estadunidenses para o recrutamento de jovens soldados. Essa sequência de propagandas veio como ideia do presidente da época Franklin Delano Roosevelt. Essas propagandas eram tanto *posters* espalhados pela cidade, quanto com filmes antifascistas como a série de filmes “Why We Fight” produzido por Frank Capra. Essa série é composta por 7 filmes produzidos entre os anos 1942 e 1945, encomendados pelo próprio governo federal e divulgados pelo *Office of War Information*. Abaixo serão mostradas e analisadas duas propagandas da Segunda Guerra por parte dos Estados Unidos da América (BITZER, 2013, p.1128).

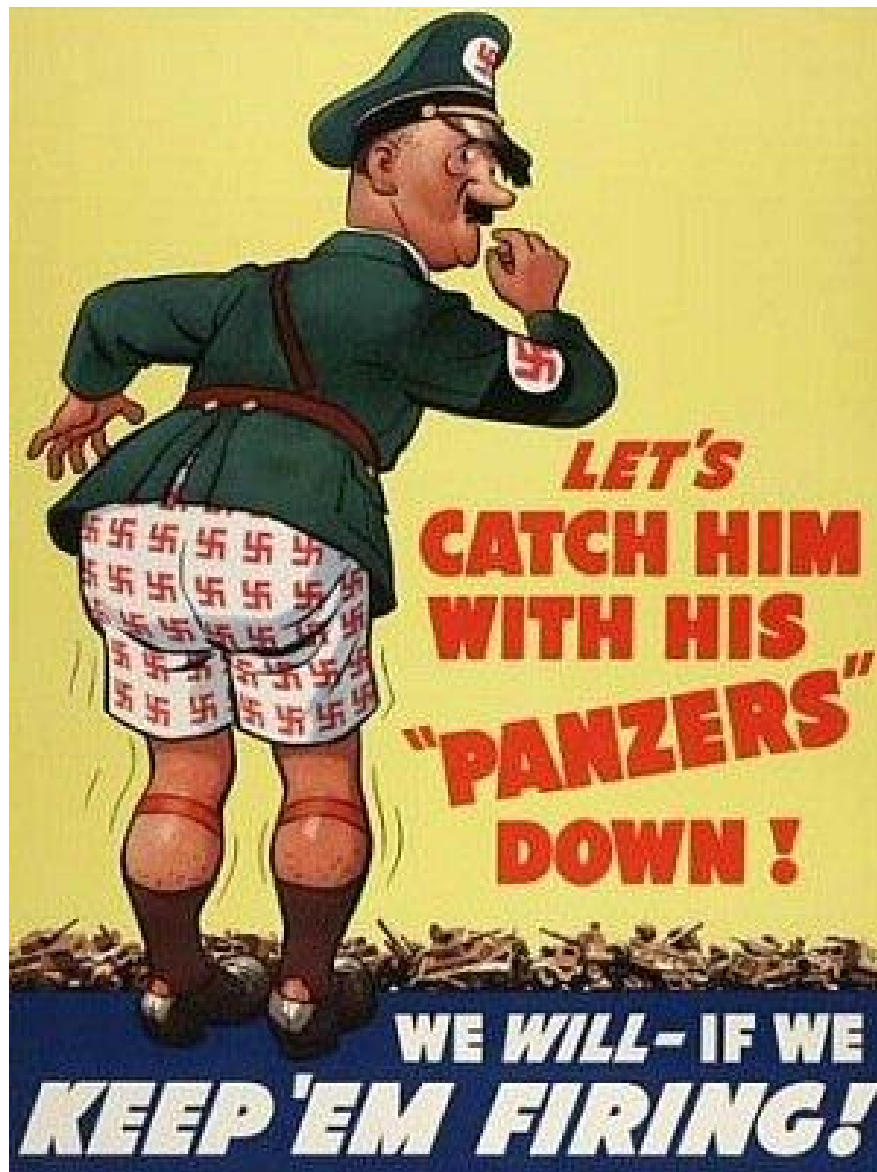
Figura 02:



Fonte: *National Pearl Harbor Remembrance Day.*

Nessa imagem vemos uma bandeira dos EUA a meio mastro e toda rasgada, simbolizando o ataque em Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941. Esses detalhes apontam diretamente a “destruição” de uma nação que é bem representada pela bandeira rasgada e o fundo em chamas. A parte escrita é traduzida para: “...Nós claramente decidimos que esses mortos não morreram em vão... LEMBREM-SE DO 7 DE DEZEMBRO”. Essa frase impulsiona um sentimento de patriotismo entre os cidadãos e os militares, seus compatriotas foram atacados e agora cabia a eles devolverem o ataque com o máximo de força possível. Fazendo assim com que os Estados Unidos da América entrassem de vez na Segunda Guerra.

Figura 03:



Fonte: “Vamos pegar eles de calças curtas”, Biblioteca da Universidade Northwestern, banco de dados de pôsteres. Escritório de impressão do governo dos EUA.

A charge mostra Adolf Hitler em um momento “vulnerável” onde está de cueca e a frase em inglês é traduzida para “Vamos pegá-lo de calças curtas! Nós continuaremos nos mantendo em “fogo”. Essa propaganda representa Hitler não como uma ameaça, mas sim como uma piada, e que ele também é vulnerável e que poderiam acabar com ele quando quiserem. Quando se diminui um personagem de alta importância como era o Hitler, traz uma sensação de superioridade ao outro país.

3. DA CRISE À GUERRA FRIA

Para compreender o período histórico do tema, foi analisado o período de 1929-1945, o qual aconteceu a crise de 1929, a Segunda Guerra Mundial e o início da expansão das HQs com a Era de Ouro das Histórias em Quadrinhos. O começo dessa contextualização é no ano de 1940 e marca a primeira aparição do Capitão América nos quadrinhos, enquanto já estava acontecendo a Guerra. Contudo os EUA ainda não haviam entrado em batalha ainda. A entrada estadunidense na Guerra foi apenas em 7 de dezembro de 1941.

[...] Mas não apenas um velho historiador tem o passado como parte de seu presente permanente. Em vastas extensões do globo todas as pessoas de determinada idade, independentemente de origens e histórias pessoais, passaram pelas mesmas experiências centrais. Foram experiências que nos marcaram a todos, em certa medida da mesma forma. O mundo que se esfacelou no fim da década de 1980 foi o mundo formado pelo impacto da Revolução Russa de 1917 (HOBSBAWM, 1994, p.13).

Após a contração econômica gerada pelo estouro da bolha do mercado de ações, já mencionada no primeiro capítulo, diversos eventos menores levaram a uma gradual diminuição nos preços em outubro de 1929. Havendo assim uma perda de confiança no mercado levando ao estouro da bolha. A queda foi agravada por conta de alguns investidores que optaram por liquidar seus ativos (ROMER, 2003). Em 24 de outubro de 1929 aconteceu a “Quinta-Feira Negra”, em dois dias o índice dos preços no mercado de ações diminuiu de 298 para 230, de setembro a novembro significou uma queda brusca de 40% (BLANCHARD, 2004). Foi graças a essa violenta baixa que essa junção de acontecimentos ficou conhecida como o Grande *Crash* de 1929.

Ao aumentar as taxas de juros para conter a bolha especulativa de Wall Street e diminuir a quantidade de empréstimos ao exterior, os Estados Unidos colocaram em uma situação ruim os países periféricos, seus devedores, que deixaram de receber capital norteamericano e, com isso, tiveram diminuições significativas na demanda agregada. Em meados de 1929 e início de 1930, países como Brasil, Argentina, Canadá e Austrália modificaram suas taxas de câmbio, permitindo que suas moedas se desvalorizassem. Outras nações da periferia fizeram o mesmo, e isso teve impactos no padrão-ouro dos países centrais, pois gerou incerteza em relação à estabilidade das moedas (BRITO, 2010, p. 20).

Em 1929 houve também a Grande Depressão, que foi a desaceleração econômica, que foi resultado da diminuição dos gastos pela crise de 29. A maioria dos comerciantes e fabricantes diminuíram a quantidade da produção, após notarem o aumento do preço dos estoques. Quanto maior os juros ficavam, mais reprimiam os gastos, principalmente as áreas mais sensíveis aos juros como a área automobilística e de construção. (BRITO, 2010, p. 20).

Quando os Estados Unidos aumentaram a taxa de juros na expectativa de conter a bolha de Wall Street e tentar diminuir a quantidade de empréstimos ao exterior, colocou os países periféricos em uma situação ruim. Perto do fim de 1929 e começo de 1930, alguns países como Brasil, Argentina e Canadá mudaram suas respectivas moedas, permitindo que se desvalorizassem. A crise de 29 e a grande depressão, apesar de serem diferentes, estão diretamente relacionadas.

Por exemplo, a diminuição na produção industrial, que entre agosto e outubro de 1929 correspondeu a 1,8%, entre a crise, que ocorreu ainda em outubro, e dezembro do mesmo ano foi de 9,8% e entre dezembro de 1929 e dezembro do ano seguinte foi de 23,9% (BRITO, 2010, p.21) (Bureau of Economic Analysis (BEA)).

Conforme as coisas iam piorando, as incertezas aumentavam, fazendo com que a população postergava seus gastos. Os bens duráveis e semiduráveis tiveram uma queda intensa a partir daí. Por conta da crise somada a incertezas sobre o que aconteceria financeiramente no mundo e mais precisamente nos EUA, as pessoas começaram ficar desmotivadas e cada dia mais pobres. Quando o presidente Franklin Roosevelt anunciou o abandono daquela política do Padrão-Ouro, para poder conter a deflação, dizendo que o bem estar da economia da nação era mais importante que o valor da moeda. Em 1933 começou a recuperação norte-americana, mesmo com a produção voltando a crescer em 1930, e somente em 1942 voltou a ficar em alta como era antes da crise (Britto, 2010, P.28).

Com a volta da economia em alta no ano de 1942, o sentimento patriótico voltou juntamente com o início da Segunda Guerra Mundial, os quadrinhos iniciaram sua Era de Ouro que ficou marcada com a primeira HQ do Super-Homem. Essas HQs do período de 1939 até 1942 foram marcadas pelos temas de guerra e patriotismo, tornando-se um marco para a época.

Após o começo da Segunda Guerra Mundial as HQs passaram por um momento de mudanças em suas histórias. Passaram a ter heróis, tendo como primeiro herói o Super-Homem. Também começaram a ter temáticas de guerra. Em 1940 os EUA não haviam entrado na Segunda Guerra de maneira pontual, contudo já havia HQs do Capitão América que colocavam o super-soldado em campo de batalha. Essas HQs foram produzidas no intuito despertar um sentimento patriota nos jovens para que sentissem vontade de proteger o país. Os Estados Unidos vinham de um conturbado período de crise após a quebra da bolsa de valores em 1929, então com isso as pessoas estavam voltando aos poucos a sentir que o país voltaria a ser uma potência inquebrável novamente.

[...] Quando o contexto histórico passa a ser o da guerra (cada vez mais eminente, ou já em seu curso), surgem novos e mais poderosos heróis: os super-heróis. Super-Homem foi o primeiro em 1938 e, na sequência surgem praticamente todos os heróis que conhecemos hoje, na chamada “Era de Ouro” dos super-heróis: Batman (1939), Namor (1939), Tocha Humana (1939), Capitão América (1941), Mulher Maravilha (1941) etc (MARTINS, 2013, P.6).

Para entendermos a entrada estadunidense na Segunda Guerra precisamos ver o papel do Japão como participante do bloco do Eixo, formado por Japão, Alemanha e Itália. Segundo Roger Vieira Rodrigues (2011), o Japão havia adotado uma política de expansão territorial voltado para o sudeste asiático, além disso visavam dominar a exploração de recursos minerais e vegetais, como commodities, tais como petróleo, estanho, borracha e arroz. Para que essa expansão territorial desse certo precisaria derrotar a marinha dos EUA no Oceano Pacífico. Com esse foco em mente, atacaram a base norte americana em Pearl Harbor, no Havaí em dezembro de 1941. Esse evento ficou conhecido como o ataque dos suicidas Kamikazes japoneses que derrubavam seus próprios aviões em cima da base estadunidense. A partir desse ponto os EUA tiveram participação direta na Guerra. O presidente Roosevelt mandou soldados para a Europa no dia 7 de dezembro de 1941.

A partir desse ano os Quadrinhos do Capitão América começaram a ser produzidos com uma temática mais forte na Segunda Guerra, trazendo símbolos do nazismo e fascismo e mostrando o poder da democracia que combatia o socialismo e o nazismo de forma heroica.

[..] As histórias do Capitão América passaram-se basicamente no *front* europeu da Guerra, mas existem histórias dele combatendo os japoneses no Pacífico bem como agentes infiltrados nos EUA. Já em sua primeira edição,

aparece socando a cara de, nada menos, Adolf Hitler (MARTINS, 2013, p.11).

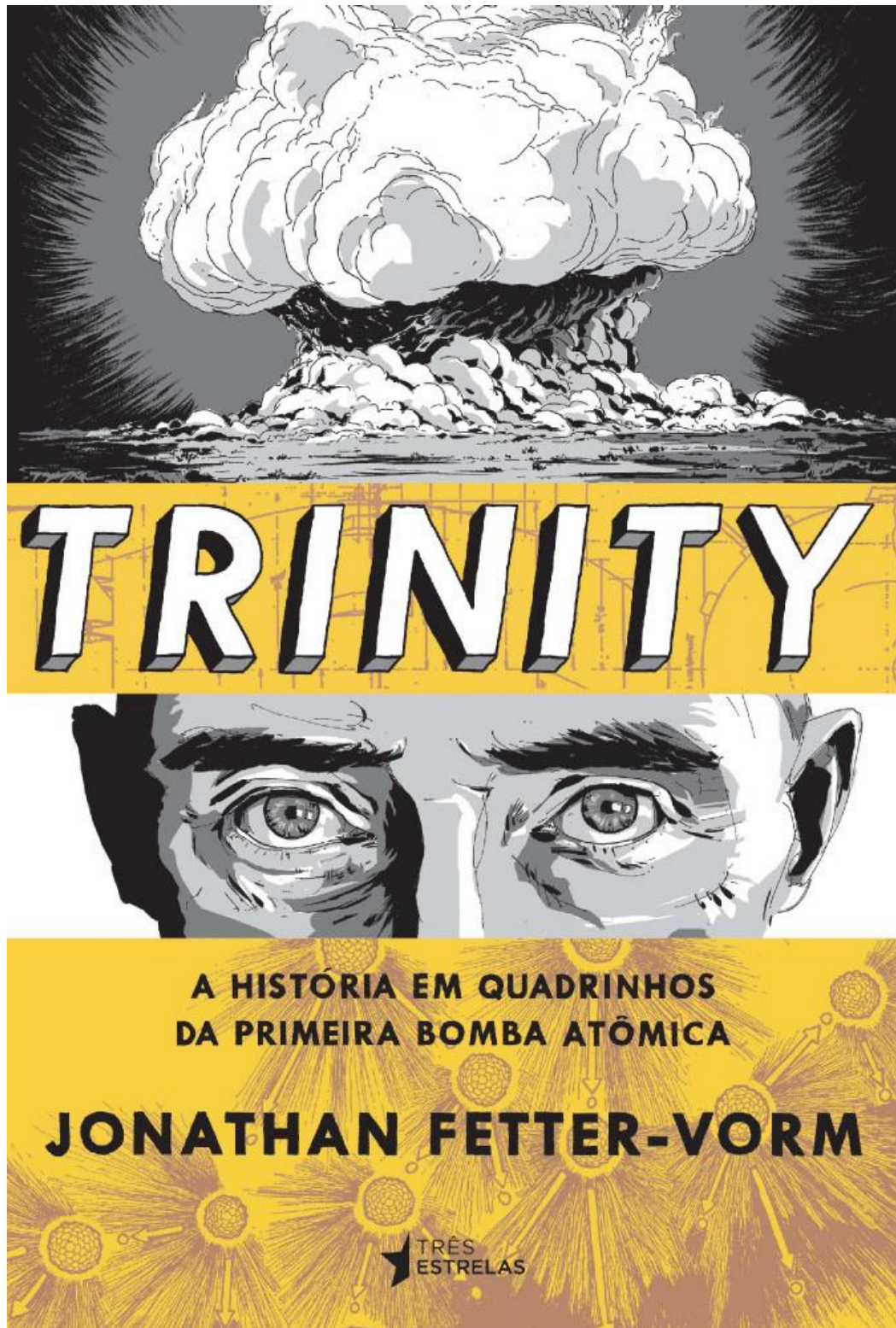
Outros heróis fizeram participações no momento de Guerra contra o nazismo inspirados por Capitão América, Super-homem e Mulher Maravilha, fazendo com que cada vez mais se popularizassem as Histórias em Quadrinhos no meio dos jovens e dos soldados que acompanhavam as histórias desses heróis. Os mais populares além desses já citados foram o Namor, O Submarino e o Tocha-Humana.

O ataque a Pearl Harbor não foi o único motivo que levou a essa tomada de decisão do então presidente Roosevelt, que já havia feito acordos diplomáticos com o Primeiro-Ministro inglês Winston Churchill, onde assinaram a Carta do Atlântico, cujo ia a oposição a ideologia e política totalitária nazifascista. Então com isso podemos perceber como os Estados Unidos apenas precisava de um motivo maior para ir para Guerra e o ataque japonês foi primordial para essa entrada, e essa entrada foi primordial para a vitória dos Aliados (Inglaterra, França e URSS). A forte capacidade bélica e um exército muito bem organizado fizeram sua primeira vitória em Midway (1942) derrotando a marinha japonesa que havia atacado o país norte americano. Em 1943, o Presidente Roosevelt enviou um grande contingente de soldados para o Egito na África onde venceram soldados alemães na batalha de El Alamein. Em 1945 os EUA finalizaram a Segunda Guerra usando pela primeira vez na história uma arma nuclear em Hiroshima e Nagasáki no Japão, trazendo com isso a próxima fase da história.

[...] Como dito, a temática das histórias também sofreu algumas mudanças, acompanhando o ritmo da sociedade. Aquele maravilhoso mundo dos anos 20 tinha ido por água a baixo. Essa crise trouxe uma demanda imaginária na população por heróis, todos aqueles que pudessem salvá-los da situação em que viviam, e seria um modo de destacar a proeminência do povo norte-americano ao resto do mundo (MARTINS, 2013, P.6).

Esse acontecimento também é tratado nas Histórias em Quadrinhos como na HQ “Trinity: a História em Quadrinhos da Primeira Bomba Atômica”.

Figura 04:



Fonte: Capa do quadrinho *Trinity a História em Quadrinhos da Primeira Bomba Atômica* (2013).

O quadrinho traz todo o desespero e dificuldade que as pessoas passaram com a primeira bomba atômica de todas. Vai contar desde a política até o meio social estabelecendo todos os momentos que marcaram a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial com o pior ataque da história.

[...] Isso nos dá a dimensão em que os quadrinhos se encontravam no século XX. E sua importância como veículo de comunicação de massa para o público estadunidense. Os quadrinhos do gênero de super-aventura ganharam em importância no fim da década de 30 como o início da segunda guerra mundial. Com a sociedade e alguns sistemas de governo em grave crise “A classe média euroamericana ansiava por literatice empacotada e não por críticas violentas ao seu sistema de vida”. (revista de cultura e vozes). E os quadrinhos de super-heróis da época atendiam a esse anseio com seus heróis símbolos da virtude. Isso justifica a criação e o sucesso do Super-Homem e Capitão América por exemplo. Heróis de extremo caráter ideológico (CAMPOS, 2009, P.20).

O pós-guerra revelou algumas potências para o mundo, a mais importante foi a União Soviética, que em 1945 apresentava características assustadoras. A política de guerra rigorosa não permitia que seus soldados tivessem direitos, como por exemplo a licença e se bobeassem também poderiam contar com clemência nenhuma: em 1942 e 1943, 153.539 soldados foram executados por “covardia”. Contudo a URSS lutou e produziu mais que o poderoso exército alemão. Apesar das atrocidades de Stalin acabaram sendo deixadas de lado pelo fato de terem vencido a Guerra. Porém a vitória soviética não foi de toda positiva para o país. De todos os participantes da Segunda Guerra Mundial, a URSS foi a única que arcou com grandes consequências financeiras e sociais (JUDT, 2007, P.156).

Após o término da Segunda Guerra Mundial, os quadrinhos com temáticas de heróis foram deixados de lado por um tempo, motivo que não era mais necessário ser salvo ou combater algum vilão pois o perigo havia passado. Mais para frente a União Soviética, após seu momento de crise, se tornou uma potência mundial juntamente com os Estados Unidos. O país norte-americano com sua forte política capitalista e o país soviético com a crescente política comunista. Ambos países buscavam se tornar a maior potência mundial, fazendo corridas armamentistas e a corrida espacial para saber qual seria o primeiro país a conquistar o espaço. No dia 12 de abril de 1961, o cosmonauta soviético Yuri Gargarin foi o primeiro ser humano a ir para o espaço realizando um voo orbital. Alguns meses depois foi lançada a primeira HQ do Quarteto Fantástico em novembro. Esse quadrinho trazia os quatro heróis

americanos em uma corrida espacial contra um “inimigo” externo, que ficava claro que era a URSS, porém preferiram não dar nome aos “inimigos” da América nesse período.

Figura 05:

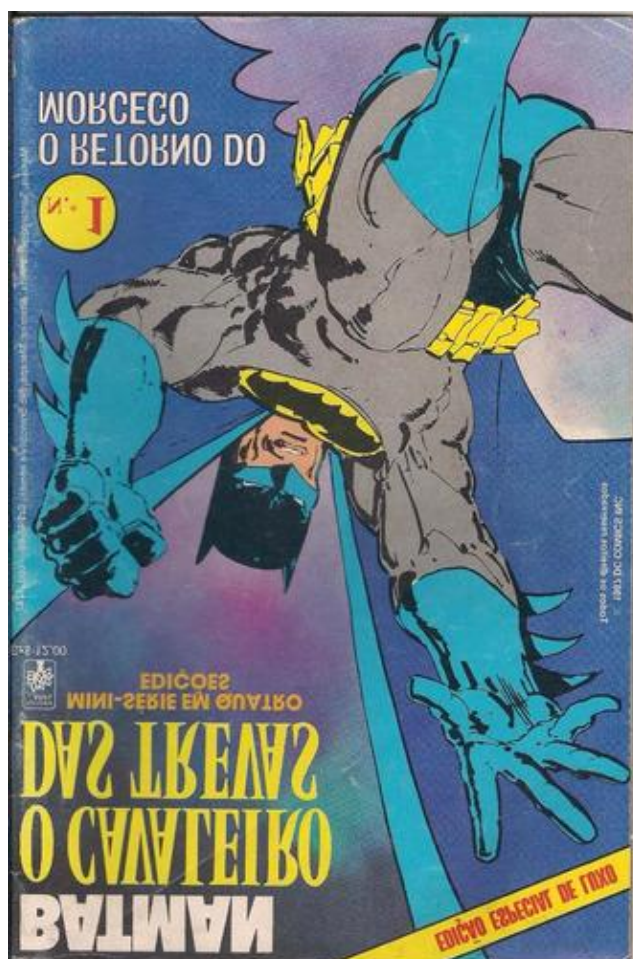


Fonte: The Fantastic Four comics #1, Stan Lee, 1961.

A HQ traz a história de quatro heróis que são convocados pelo governo dos Estados Unidos da América para ajudar na corrida espacial contra o “inimigo”. Na ficção os heróis são os primeiros a chegar ao espaço, voltando a trazer aquele sentimento patriota que foi forte na Segunda Guerra Mundial. Essa HQ mostra a importância que os quadrinhos têm em relação a formação de sentimentos com a História.

Havia outras HQs importantes que contam sobre o período da Guerra Fria como Batman – O Cavaleiro das Trevas por Frank Miller (1987) e Watchmen por Alan Moore e Dave Gibbons (1986).

Figura 06:

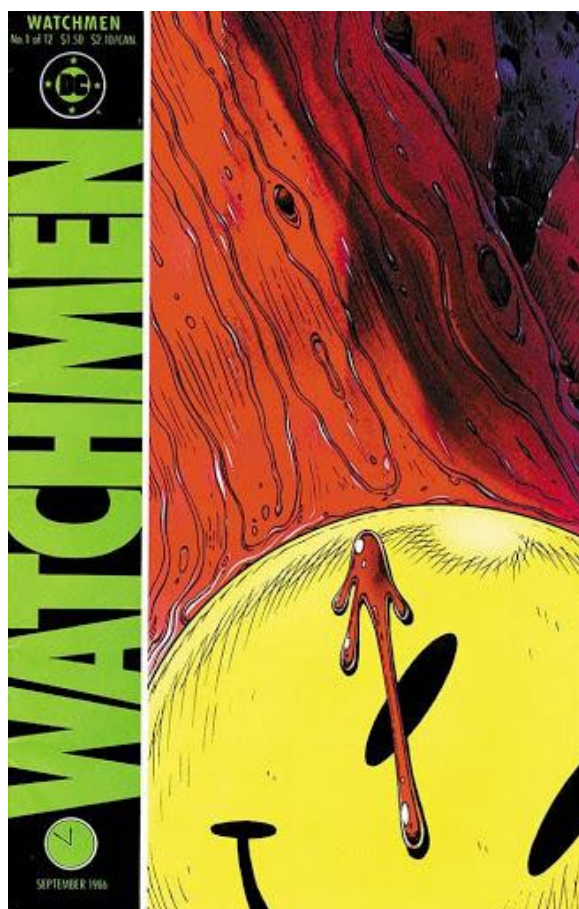


Fonte: Batman O Cavaleiro Das Trevas, Frank Miller, 1987.

Nessa HQ de Frank Miller, o Batman já estava aposentado a alguns anos e beira os 60 anos de idade, contudo por conta de alguns crimes ele volta a atuar. O governo, não gostando da atitude do herói, chama o Super-Homem para combater o Cavaleiro das Trevas. Nesse meio tempo antes do combate entre os dois, os soviéticos atacam os EUA e o Super-homem é convocado para salvar o país norte-americano da ameaça comunista. Essa temática apenas reforça como ficou marcado esse perigo soviético que os americanos tinham tanto medo na época da Guerra Fria.

[...] A partir desse momento a história passa a se desenvolver em dois planos narrativos. O primeiro deles mostra Batman salvando a cidade de Gotham, enfrentando a gangue Mutante e em seguida seus tradicionais vilões Duas-Caras e Coringa. No outro plano, Superman auxilia os EUA no combate à União Soviética garantindo sua vitória, ainda que o país sofra retaliações nucleares por parte dos soviéticos (KRAKHECKE, 2009, P.76).

Figura: 07



Fonte: Watchmen #1, Alan Moore, 1986 e 1987.

Já a HQ Watchmen (1987), é considerada como uma máxi-série que foi lançada em 12 números começando em setembro 1986 e outubro de 1987. A história gira em torno de um exercício imaginativo de como seria o mundo caso os vigilantes, que são os “heróis” da série, realmente existissem. O contexto não é fictício, ou seja, se passa no mundo real que vivemos em meio a situações históricas reais, então se encontra em Nova York no período da Guerra Fria (1985), onde o presidente Nixon convoca os heróis mascarados para ajudar a combater as forças soviéticas. Em um ponto da HQ os heróis se separam em um grupo que quer forjar um ataque alienígena que obrigaria as duas potências (EUA e URSS) a se unirem para combater

um mal maior e deixar a Guerra de lado, e um grupo que queria apenas que o mundo acabasse com os ataques nucleares.

[...] O importante é salientar as diversas referências à Guerra Fria em suas páginas, que se evidenciam ainda mais com o exílio do Dr. Manhattan, que irá desencadear o avanço dos soviéticos sobre o Afeganistão e acirrar as relações entre EUA e URSS. Ao final da história, Rorschach, Coruja e Espectral descobrem que a eliminação dos vigilantes fazia parte de um plano arquitetado por Ozzymandias para pôr fim à Guerra Fria através de um ataque aos Estados Unidos onde simularia uma invasão alienígena que causaria a morte de milhões, criando uma ameaça comum entre as potências e levaria os EUA e a URSS a superar suas divergências e se aliarem (KRAKHECKE, 2009, P.78).

A mídia é um elemento que pode ser encontrado de vários meios do cotidiano das pessoas. Juntamente com outros diversos meios de comunicação, a mídia influencia na opinião pública, partindo dos valores e expectativas da população.

[...] A posse da comunicação e a informação tornam-se instrumento privilegiado de dominação, pois criam a possibilidade de dominar a partir da interioridade da consciência do outro, criando evidências e adesões, que interiorizam e introjetam nos grupos destituídos a verdade a evidência do mundo do dominador, condenando e estigmatizando a prática e a verdade do oprimido como prática anti-social (GUARESCHI, 2000, p. 19).

As HQs podem ser usadas como documento histórico, que desde o último século são um fenômeno produzido pela mídia. Utilizados por todo o mundo para contar de histórias fictícias até histórias reais. Pelo fato de as HQs terem surgindo como um meio cômico, a partir das charges, essas histórias são cheias de referências históricas e políticas de sua época. Por conta de um certo preconceito com esse tipo de leitura, as Histórias em Quadrinhos foram ignoradas pela maioria dos historiadores como uma ferramenta de análise social, portanto, após alguns avanços nas pesquisas históricas, os historiadores já aceitam pesquisas feitas a partir das HQs.

Para comprovar a capacidade das HQs de serem usadas como objeto de estudo dos historiadores, analisei a perspectiva histórica e cultural da história e dos quadrinhos. Há duas maneiras que o historiador pode usar as HQs. Uma é dividida em duas linhas de produção, sendo o quadrinho como um divulgador do fato histórico, ou seja, apenas mostrando fatos

históricos em meio de quadrinhos. Um exemplo dessa linha de produção é a revolta da chibata ocorrida no início do século XX.

[...] Esta revolta fora recentemente quadrinizada com o fim de homenagear um dos líderes do movimento. E de trazer ao grande público este fato histórico tão importante para a história brasileira. Esta obra intitulada: Chibata!15: João Cândido e a Revolução que abalou o Brasil. Publicado em 2009 pela editora Conrad retratando esta revolta de marinheiros ocorrida no princípio do século XX (MORAES, 2013, P.8).

Esse quadrinho pode servir para uma análise mais aprofundada a sociedade e a cultura da época, trazendo um fato de extrema importância como ponto de partida. Na tira retirada da HQ Chibata! 15: João Cândido e a Revolução que abalou o Brasil, de Hemeterio e Olindo Gadelha, temos uma pequena ideia de como que a revolta começou a ser tomada, mostrando como os marinheiros eram marginalizados na época.

Figura: 08



Fonte: Chibata!15: João Cândido e a Revolução que abalou o Brasil, Hemeterio e Olindo Gadelha, 2009

Falando agora da segunda linha de ficção-histórica, onde temos um fato histórico e colocamos elementos fictícios, a diferença para com a primeira linha é justamente ter uma história inventada que se passa em um certo período histórico importante, como já vimos anteriormente com o Super-Homem, Capitão América, Batman e Watchmen. A linha de

ficção-histórica também vai passar pelo estudo amplo da História, que esta inserido na ficção criada demonstrando os costumes, hábitos e pensamentos políticos da época retratada. Em 2010, a obra literária *O Guarani*, foi publicada em forma de quadrinhos em uma tentativa de deixar de levar a obra para outra gama de leitores. A imagem abaixo retrata a desigualdade tecnologica que os índios viviam comparada a aos portugueses, e apesar dos índios serem maior número não tinham a capacidade bélica e defensiva que os portugueses (MORAES, 2013, p.9):

Figura 9:



Fonte: O Guarani em Quadrinhos, Vetillo, 2010.

Nas duas modalidades de quadrinhos mostradas anteriormente, podemos perceber que não é apenas um meio de passar o tempo com um passatempo, mas também de trazer a história propriamente dita. Essas publicações têm seu público-alvo, no caso das ilustrações anteriores, são voltadas para o infanto-juvenil. Os quadrinhos têm como característica, uma linguagem mais simples, e no caso, demonstrar o fato histórico podendo mudar ou não a História propriamente dita. Conforme o passar dos anos, os quadrinhos históricos vêm passando por uma refinação e aperfeiçoamento para que possa ser o mais fiel ao período histórico.

Os quadrinhos já analisados no trabalho, tem todos uma visão histórica do período da Segunda Guerra Mundial até a Guerra Fria, mostrando assim como podemos analisar de forma prática esses períodos a partir de uma História em Quadrinhos.

A vitória de Batman, portanto, significa uma vitória sobre o obscurecido governo norte-americano, pois, ao final da HQ, Superman é posto a refletir sobre seus atos e,

uma vez que ele de alguma forma representa o próprio governo estadunidense, é como se Batman convidasse o leitor a refletir sobre os atos do governo. (KRAKHECKE, 2009, p 76).

Nessa afirmação de Krakhencke, podemos observar como a sociedade está bem desenvolvida na história da HQ. Podemos observar o comportamento da política durante a Guerra Fria apenas observando os detalhes do autor.

4. FONTES HISTÓRICAS E QUADRINHOS

Neste capítulo iremos tratar dos dois termos principais do trabalho: Ideologia e Fonte Histórica. Para abordar tais conceitos foi utilizado o Dicionário de Conceitos Históricos, por Kalina Silva e Maciel Silva. E também será utilizado o livro de March Bloch, Apologia da História.

Segundo o Dicionário de Conceitos Históricos, a ideologia pode ser explicada em vários termos. Um dos mais abrangentes e utilizados atualmente apresenta a ideologia como um sistema de ideias, mais precisamente de crenças mais ou menos coerentes. Essas ideologias podem ser consideradas ainda como uma forma de entender o mundo e também se posicionar nele. Essa é uma das definições aceitas, contudo não é a única, a ideologia pode ser bem mais profunda que apenas um conjunto de ideias e crenças. Para muitos intérpretes da História, ao invés da ideologia ajudar no entendimento da realidade concreta, acaba por prejudicar esse conhecimento. Nenhuma sociedade é desprovida dessas crenças e valores, sendo a ideologia a parte mais ampla dos valores desse sistema (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.205).

As sociedades em si não têm apenas uma ideologia, mas sim um conjunto. Segundo os estudos culturais, mesmo na indústria cultural, os meios de comunicação em massa não trazem um único universo ideológico, mas sim uma diversidade de discursos e ideologias (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.206).

[...] Muitos estudiosos defendem que não apenas classes sociais diferentes possuem ideologias específicas, mas que também frações de classe, etnias, grupos profissionais são portadores de ideologias particulares. Não negam a existência de uma ideologia dominante ou hegemônica, mas cada vez acreditam que, se não há ideologias que se opõem à ideologia hegemônica, existem pelo menos formas adaptativas e criativas elaboradas pelos diferentes grupos sociais para interpretar e se relacionar com tal ideologia dominante (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.206).

A partir da metade do século XIX quando a História passa a ser uma disciplina acadêmica, vários métodos de análise rigorosos foram impostos, dando privilégio ao documento escrito e oficial, levando em conta a autenticidade do documento como “relator da verdade”, o fato histórico em si. Essa visão é completamente ligada ao pensamento e preceito positivista, que acreditava que a comparação dos documentos permitia reconstituir os

acontecimentos do passado, desde que estivessem encadeados numa relação de causas e consequências explicadas (JANOTTI, 2005, p.11).

A noção de ideologia surge no fim do século XVIII, contudo foi apenas no século XIX que foi ampliado seu significado em um número enorme de doutrinas sociais. Nesse mesmo momento começam a surgir as definições de Liberalismo, Anarquismo, Marxismo, Socialismo, Igualitarismo, entre muitas outras ideologias. Contudo, ao longo do século XIX, o termo ideologia foi ligado a conotações pejorativas, em particular a marxista. Para Marx, economicamente falando, a classe social dominante também domina a ideologia, isto é, domina a produção das ideias que passam pela sociedade, justificando, assim, sua dominação. Então, na época onde a nobreza dominava a ideologia aristocrática, e quando a burguesia capitalista dominava, a ideologia também era burguesa.

[...] Como resultado do domínio econômico da burguesia, e ajudando a consolidá-lo, surgiram novas formas de se pensar o Estado, a família, o trabalho, a liberdade, a democracia, a ciência, a técnica, a história etc. Marx, e muitos de seus seguidores, defendiam que o discurso burguês era ideológico, apenas aparentemente verdadeiro, mas que de fato ocultava a real exploração e os reais interesses dos grupos dominantes (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.206).

Nesse contexto, o conceito marxista de ideologia, tende a ter uma visão de ocultamento da realidade, como algo que facilitaria a exploração de classe, facilitando assim a alienação das classes que são exploradas. E para fugir dessa ideologia que se impõe, seria necessário o uso combinado da prática e da teoria. Em resumo, Marx entende como ideologia um instrumento de dominação de classes e uma forma de luta de classes, que só pode ser compreendida e criticada a partir do terreno histórico e econômico que lhe dá origem (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.206).

Seguindo esse conceito marxista de ideologia, Marilena Chaui, traz alguns pontos fundamentais para essa definição: ideologia é um sistema ordenado por ideias ou representações, com normas e regras, que surgem como algo independente de condições materiais. Contudo ai esta o engano que é promovido pela ideologia, nenhuma ideia surge de fato sem relação com condições materiais de existência, ou seja, as ideias surgem de uma dada classe social, em determinada condição social e econômica. Dessa forma a ideologia acaba aparecendo como uma forma de alienação, no sentido em que os homens, ludibriados pelas ideias das classes dominantes, deixam de se ver como um agente histórico.

[...] Chaui acredita, como Engels e Marx, que não basta tão só que haja uma mudança subjetiva na consciência dos homens para que se mude a realidade objetiva, a mudança deve partir da realidade objetiva, da ação não alienada que transforme as relações sociais reais. E nessa ação, a crítica à ideologia deve ter lugar, sendo relacionada com a prática (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.207).

Deste modo a autora demonstra a necessidade de “desmascarar” as ideologias burguesas, logo, primeiramente, tal ideologia afirma que a educação é um direito para toda sociedade, contudo, na realidade, a contradição do Capitalismo não permite essa realização quando separa o trabalho intelectual do manual. Segundamente, a ideia da burguesia, afirma que o Estado é um consenso da comunidade, da sociedade civil, garantindo a unidade e harmonia entre as classes sociais, enquanto esconde que é um instrumento de uma classe que é superior as outras. Já a terceira ideia burguesa, diz que este dignifica o homem, ocultando as condições reais do trabalho, onde se entorpecem, desumaniza e brutalizam o homem. Também há a ideia de que o homem é livre por natureza para escolher entre situações dadas, também se torna um engano, já que as condições que são impostas não permitem que haja uma escolha livre, mas sob uma pressão da miséria e pobreza em que se encontram. Por último, a ideologia burguesa faz apologia ao progresso, evolução histórica que ele traz de modo contínuo, encobrendo que quem tem esse avanço e progresso é apenas a classe dominante e nem sempre é positivo para todos. (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.206).

Quando no século XIX, quando o termo levava o sentido pejorativo, a ideologia foi tomada como um método de manipulação.

No século xix, quando o sentido pejorativo do termo predominou, a ideologia era tida como uma forma de enganar, e muitas vezes uma ideologia atribuía a uma outra a alcunha de “ideológica”, esquecendo-se do paradoxo de que essa afirmação também é ideológica. Ao longo do século xx, entretanto, alguns pontos positivos também foram percebidos no conceito. A concepção marxista de ideologia foi cedendo lugar a outras concepções, mas o pressuposto marxista básico, de que se deve tomar cuidado com as aparências de uma ideia, e sempre perguntar quais são as “forças” que estão por trás dela, não foi abandonado. O que se questionou em Marx foi a separação que ele fez, excessivamente esquemática, entre o plano econômico/material (a *base* ou *estrutura*) e o plano das ideias políticas, jurídicas etc. (a *superestrutura*), considerando esta última determinada pela primeira (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.207).

A partir dos anos 70, os estudos culturais tem mostrado que uma sociedade tem numerosos discursos ideológicos que se embatem, ainda que os meios de comunicação tenham uma tendência a reproduzir a ideologia hegemônica. Esses estudos também consideram que a emissão dos conteúdos ideológicos pela mídia, não garante uma interpretação única do que está sendo tratado, podendo haver assim uma “autonomia relativa” pelos consumidores.

Nos séculos XIX e XX, há a acusação de ser ideológico, que dá a entender que certos movimentos políticos e sociais, não tem uma fundamentação real e teoricamente sólida. A acusação ao feminismo é um ótimo exemplo, logo que foi uma forma comum de diminuir a influência por mulheres, desacreditando nos estudos e pesquisas feitos por mulheres.

[...] Durante muito tempo, as instituições universitárias opuseram rigidamente a “*sua ciência*” ao universo “*ideológico*” (portanto, político) do feminismo, fechando as portas às obras produzidas pelo feminismo. A oposição entre ciência e ideologia, entretanto, é só aparente: uma feminista da década de 1960 também poderia, com razão, acusar as universidades de serem um instrumento ideológico da dominação masculina, uma vez que o adjetivo ideológico se presta a muitos usos. Podemos nos questionar se a História, a Sociologia, a Antropologia e demais ciências sociais são formas *neutras* de compreensão da realidade e se os pesquisadores também não são ideológicos mesmo que digam que não o são. O próprio marxismo se tornou mais do que uma teoria explicativa da realidade, transformando-se em uma ideologia em vários sentidos (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.207).

Ainda seguindo os conceitos do Dicionários de Conceitos Históricos, vamos ao conceito do que é fonte histórica. Segundo os autores, fonte histórica, documento, registro, vestígio são todos termos utilizados para definir aquilo que o homem produziu no tempo e no espaço; toda a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que acaba por servir de base para todo o conhecimento histórico. O termo mais utilizado e clássico para definir a fonte histórica é documento. Mas essa palavra, por conta das concepções da escola metódica e positivista, esta relacionada a uma teia de ideias preconcebidas, significando não apenas o registro escrito, mas principalmente ao oficial. Atualmente os historiadores que defendem que a fonte histórica é muito mais que um documento oficial usa a palavra “*vestígio*”, ou seja, os mitos, a fala, o cinema, a literatura, também podemos incluir nesses as histórias em quadrinhos, tudo isso, como produtos humanos, tornam-se fonte para o conhecimento da história (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.158).

No mundo ocidental, no século XVIII, surgem as primeiras ideias sistematizadas acerca da origem das fontes históricas, com os eruditos franceses que foram os pioneiros em sistematizar a história escrita e logo a valorizar o documento. Seguindo essa linha de raciocínio que se apoiaram os historiadores da escola metódica do século XIX, que para construir a concepção de fonte histórica em que o documento era considerado a prova que garantia veracidade.

[...] Tal premissa fundamentou todas as posteriores correntes históricas do Ocidente. Para os metódicos – ou positivistas, como hoje são mais conhecidos – a História era feita de documentos escritos, sendo a principal tarefa do historiador recolhê-los e submetê-los à crítica externa e à crítica interna para comprovar sua autenticidade. Nessa concepção, os documentos transmitiam o conhecimento histórico por si, e ao historiador só cabia coletá-los e agrupá-los, não questioná-los. Assim, segundo essa corrente teórica, o documento era a prova concreta e verídica de um passado imutável que não precisava ser interpretado (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.158).

Em 1930, um grupo de historiadores franceses associados a revista francesa *Anais de História Econômica e Social*, ou apenas *Annales*, impulsionaram a crítica a essa concepção de documento com a influência das ideias de Marx, que foi um dos precursores da contestação à pretensa objetividade imparcial na História, no século XIX. Segundo Marx, o historiador está ligado a sua classe social, o que o torna não parcial, e essa ideia foi que guiou a pesquisa dos materialistas históricos e dos *Annales* para o campo da interpretação e análise, mudando os conceitos de documento. A partir dos *Annales* e dos materialistas históricos, o fato histórico deixou de ser visto como dado de forma verídica e real pelo documento. Precisaria ser montado pelo historiador a partir da conjunção de fatores presentes e passados. O documento não era mais uma verdade irrefutável sobre o passado. A ideia do que era fonte histórica também se amplia e com isso, o documento deixa de ser apenas o registro político e administrativo, uma exclusividade dos povos que dominam a escrita.

[...] Para a história interpretativa não importava a veracidade do documento, mas as questões que o historiador lhe remetia. Desde então, a fonte histórica passou a ser construção do historiador e de suas perguntas, sem deixar de lado a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre ele, mas também conhecer sua origem, sua ligação com a sociedade que o produziu interpretado (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.159).

Após os *Annales*, o conceito de documento foi modificado qualitativamente, agrupando também a imagem, a literatura e a cultura material. Nas últimas décadas, os termos registro e vestígio passaram a ser cada vez mais adotados, demonstrando uma nova visão histórica dominante nas pesquisas sobre cultura e cotidiano, alimentação e saúde, mentalidades coletivas. Várias pesquisas que utilizavam como fontes receitas culinárias, relicários, ex-votos, cordéis e vestimentas, todo tipo de registro com imagens, além de várias formas de literatura, começaram a se desenvolver cada vez mais. Contudo, os documentos escritos não perderam seu valor, mas começou a ser reinterpretado a partir das técnicas interdisciplinares desenvolvidas pela linguística e pela psicologia.

Ao mesmo tempo dessas evoluções das pesquisas históricas, também surgia a História Oral, trazendo ideias inovadoras para a percepção de fonte histórica, principalmente por criar seu próprio documento: as entrevistas. Os registros orais são documentos construídos pelo pesquisador por meio da memória do entrevistado. Essas fontes, de maneira mais visível, são contemporâneas ao pesquisador, tanto quanto indivíduo, quanto como membro de um grupo social (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.159).

A crescente diversidade de fontes históricas motiva uma preocupação atual sobre o empobrecimento nas abordagens dos documentos escritos.

Preocupação que foi vivenciada, por exemplo, na recente abertura dos arquivos do governo e da polícia secreta da antiga Alemanha Oriental, pois muitas questões feitas a esses registros pelos pesquisadores não foram respondidas satisfatoriamente porque muitos dos historiadores contemporâneos (por modismo e por outras razões) demonstram desconhecer os métodos básicos de tratamento das fontes. Por outro lado, a crescente proximidade da História com ciências como a Psicanálise e a Antropologia tem trazido novos documentos como símbolos, sonhos, medos e mitos, utilizados como fontes particularmente por historiadores que lidam com História das Mentalidades e do Imaginário. O mesmo ocorre entre a História e a Literatura: desde a década de 1950 que os romances e os discursos literários em geral passaram ao *status* de fonte histórica, embora nem todos os historiadores se sintam confortáveis na leitura e na interpretação dessas fontes. Aqui, também quem se interessa pela História Social, pelos costumes, pode obter na Literatura excelentes registros. Ao lado do “surgimento” de novas fontes está sempre a necessidade de uma formação mais ampla do historiador, que lhe permita abordá-las com habilidade (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.160).

Outro ponto a ser considerado é a questão regional. A África Nega, por exemplo, nos dias de hoje constrói sua história baseada na oralidade das tribos e nas fontes arqueológicas. Na América Latina, ainda que também tenha seguido caminho da história oral, vai seguindo o caminho pela valorização do seu passado colonial, preocupando-se mais precisamente com o tratamento e questionamento de fontes coloniais, como processos inquisitoriais, documentos religiosos e administrativos. Isto é, diferentes preocupações regionais geram diferentes formas de se estudar as fontes históricas.

Uma das primeiras preocupações impostas ao historiador é justamente os documentos, e trabalhar com esses documentos em sala de aula ajuda na formação de gerações mais capacitadas a refletir e, com isso, ir criando fontes para interpretações das sociedades.

Os professores precisam conhecer as mais diversas formas de fontes históricas e suas respectivas linguagens, e traduzi-las de um modo que os alunos entendam. O uso direto do documento faz com que o estudante fique mais próximo ao passado, sendo bem orientado a criar suas próprias interpretações acerca dos fatos estudados. Também é necessário ser cauteloso ao trabalhar diretamente com documentos, pois “todo documento é uma versão de determinado fato ou momento, dependente da visão de seu autor” (SILVA, Kalina; SILVA, Maciel, 2009, p.161).

[...] a fonte histórica passou a ser a construção do historiador e suas perguntas, sem deixar de lado a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre eles, mas também conhecer sua origem, sua relação com a sociedade que o produziu. (SILVA, 2006, p.162).

A discussão sobre as fontes históricas é de extrema importância para este trabalho logo que busca compreender como as histórias em quadrinhos são encaixadas nesses estudos históricos e se realmente pertencem ao grupo de estudo. As fontes históricas são para os historiadores, aquilo que os permite transformar o pensamento sobre a História, seria a *commoditie*, a matéria prima que faz a pesquisa ser realizada. March Bloch traz a afirmativa: “Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p.79.).

O critério para uma fonte ter “qualidade”, permite pensar em subdivisões de categorias para as fontes históricas. Segundo Aróstegui, em *A Pesquisa Histórica* (1995), diferencia as fontes materiais em oposição as “culturais”.

[...] As fontes materiais seriam basicamente as fontes arqueológicas—“aqueles documentos históricos cujo valor informativo reside, em primeiro lugar, em sua

própria materialidade”, e que, acrescenta Aróstegui, são fontes que interessam como objetos. Enquanto isto, as “fontes culturais” corresponderiam àquelas que “interessam por sua mensagem, da qual o próprio objeto é mero suporte” (BARROS, 2012, p. 16).

A tendência da historiografia atualmente é entender como fonte histórica não apenas as fontes que possuem suporte, mas também todas as mensagens, conjuntos integrados de prática, representações verbais e não verbais que circulam livremente. Podemos considerar por exemplo um anedotário, que nada mais é do que um conjunto de piadas que se torna um patrimônio de determinada sociedade, e essas piadas podem ser disseminadas através da oralidade se tornando fontes para os historiadores. (BARROS, 2012, p. 145).

Podemos dividir então em três as fontes históricas em relação ao critério “qualidade”: o primeiro seriam as “fontes materiais”, que são o objeto físico de estudo em si, sendo documentos, ou monumentos históricos; as fontes de “conteúdo”, que podem admitir suporte, mas, no entanto, também podem se deslocar livremente; as “fontes imateriais”, não tem suporte e podem sofrer algumas mudanças no seu deslocamento pela história e pela cultura, como em festas religiosas, anedotas, ditos populares, etc.

As fontes materiais poderiam ser incluídas com os objetos arqueológicos (vestígios históricos), mas atualmente, também podemos incluir lugares, ambientes naturais que ajudam o historiador a compreender uma sociedade que habitou ali, ou como foi utilizada pelo homem.

[...] A inclusão dos lugares entre as ‘fontes materiais’ que se oferecem à análise historiográfica é particularmente oportuna a partir do século XX, pois quando a Geografia passou a atuar interdisciplinarmente com a História, mesmo uma paisagem natural passou a ser encarada como uma possibilidade documental importante” (BARROS, 2012, p. 145).

Segundo March Bloch em seu livro *Apologia da História* (1997, p.69), o historiador está impossibilitado de presenciar o fato histórico que ele estuda. O conhecimento da História vem de maneira indireta.

[...] Nenhum egiptólogo viu Ramsés; nenhum especialista das guerras napoleônicas ouviu o canhão de Austerlitz. Das eras que nos precederam, só poderíamos (portanto) falar segundo testemunhas. Estamos, a esse respeito, na situação do investigador que se esforça para reconstruir um crime ao qual não assistiu; do físico,

que, retido no quarto pela gripe, só conhecesse os resultados de suas experiências graças aos relatórios de um funcionário de laboratório. Em suma, em contraste com o conhecimento do presente, o do passado seria necessariamente "indireto". Que haja nessas observações uma parte de verdade, ninguém pensará em negá-lo. Elas exigem, no entanto, serem sensivelmente nuançadas (BLOCH, 1997, p.69).

Seguindo essa linha de raciocínio, Bloch também explica que se todos os mais renomados teóricos levassem em conta apenas os documentos oficiais, sendo obcecados pelo relato, hoje em dia teríamos uma visão completamente dependente dos documentos, sem a chance de terem outras discussões de pessoas com o ponto de vista diferente, o que geraria mais descobertas no meio da matéria de História.

[...] Nos túmulos reais de Ur, na Caldéia, encontraram-se contas de colar feitas de amazonita. Como as jazidas mais próximas dessa pedra situam-se no coração da Índia ou nos arredores do lago Baikal, parece se impor a conclusão de que, a partir do terceiro milênio antes de nossa era, as cidades do Baixo Eufrates mantinham relações de troca com terras extremamente longínquas. A indução pode parecer boa ou frágil (BLOCH, 1997, p.72).

Qualquer apreciação que se faça sobre esse trecho citado anteriormente, trata-se de uma indução que se fundamenta na constatação de um fato e qualquer outra palavra vinda de fora não irá interferir em nada. Contudo, os documentos materiais não são os únicos a terem tal privilégio de serem apreendidos de primeira mão. De mesmo modo a pederneira talhada pelos artesãos da idade da pedra, um traço de linguagem, uma regra de direito incorporada em texto. São realidades que captamos e exploramos por um esforço de inteligência estritamente pessoal. Assim sendo em outros termos, convém definir as particularidades da observação histórica. (BLOCH, 1997, p.72).

Segundo Bloch a primeira característica para o conhecimento geral dos fatos humanos no passado, deve ser obtido através de vestígios. Seja de uma ossada estudada em uma escavação, de uma palavra que revele um costume da época, de um relato de uma pessoa e alguma cena antiga, entendemos todos esses como vestígios.

Pouco importa que o objeto original se encontre, por natureza, inacessível à sensação, como o átomo cuja trajetória é tornada visível na câmara de Wilson, ou que assim tenha se tornado só no presente, por efeito do tempo, como o limo, apodrecido há milênios, cuja impressão subsiste no bloco de hulha, ou como as solenidades, caídas em longo desuso, que vemos pintadas encontradas nas paredes

dos templos egípcios. Em ambos os casos, o procedimento de reconstituição é o mesmo e todas as ciências oferecem muitos exemplos disso". [Mas, do fato de um grande número de pesquisadores de todas as categorias verem-se obrigados a não apreender certos fenômenos senão através de outros fenômenos destes derivados, não resulta, entre eles — longe disso — uma perfeita igualdade de meios. É possível que, como físico, tenham eles próprios o poder de provocar o surgimento desses vestígios. É possível, ao contrário, que fiquem reduzidos a esperá-lo do capricho de forças sobre as quais não exercem a menor influência.]. Em ambos os casos, a posição deles será, muito evidentemente, bastante diferente. O que foi feito dos observadores dos fatos humanos? Aqui a questão da data reassume seus direitos (BLOCH, 1997, p.72).

Após refletir sobre os fatos acima, podemos perceber como as Histórias em Quadrinhos se tornam importantes no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Após os estudos de Annales as fontes históricas tiveram um grande aumento em relação aos tipos de fontes. Passaram então a ser consideradas imagens, literaturas, músicas, cinema e podemos incluir nesses as HQs. Em cada HQ podemos observar como funcionava a mentalidade da sociedade que vivia. Assim como também, podemos observar como funcionava a política e cultura da época. Quando o Capitão América e Super-Homem surgem, não são apenas personagens fictícios que tem poderes e salvam o mundo. Eles se tornam parte da História, são símbolos utilizados para mostrar como os EUA se viam durante o período da Segunda Guerra.

Além de poder ser vistas como fonte histórica, as HQs também podem ser vistas como um modo de ideologia, logo que quem produzia era a classe social dominante e vendia, para o povo trabalhador, a ilusão que seriam todos heróis de guerra como os heróis das revistas. Essa estratégia pode ser vista como uma manobra para manusear a massa mais pobre a lutar com orgulho pelo seu país.

Conforme os anos foram passando, os quadrinhos foram tomando a forma da época que foram produzidos, como por exemplo as histórias escritas no período da Guerra Fria. Batman – O Cavaleiro das Trevas e Watchmen são um espelho de como a sociedade se comportava na época, independente de se tratar de uma história fictícia ou não. Era a visão que o autor tinha da época, e de como as pessoas se comportavam em relação a esse fato.

Com isso em mente podemos sim dizer que os quadrinhos podem ser vistos como fontes históricas e meios ideológicos de suas épocas.

5. CONCLUSÃO

Após a observação e estudo das histórias em quadrinhos, podemos concluir que a ideologia está muito presente nas histórias em quadrinhos na época da Segunda Guerra Mundial. O Capitão América e o Super-Homem foram a marca do exército estadunidense nos anos de 1939-1945. As histórias comoventes e as simbologias trazidas por ambos mostravam como era a visão do mundo naquela época em relação aos Estados Unidos da América e seu exército, por mais que não fosse verdade.

Além de poderem ser utilizadas como ideologia, as Histórias em Quadrinhos também são fontes históricas. A partir do século XIX quando os Annales abrangeram todo o estudo das fontes históricas, as imagens, filmes, músicas, obras de arte, foram colocadas no mesmo patamar dos documentos oficiais, que eram as únicas fontes estudadas na época positivista. O estudo com base nas HQs traz, não apenas essa visão ideológica e histórica, mas também uma visão sobre filosofia, com o surgimento de HQs reflexivas baseadas em pensamentos filosóficos e sociais.

As HQs podem, futuramente, utilizadas como estudo da sociedade. Sendo analisadas assim, o comportamento dos personagens como reflexo da sociedade na época, por exemplo: o Capitão América é visto hoje como o reflexo dos EUA na forma de um herói. Esse herói era super forte, patriota, democrático, que apenas defende seu país e ganha a Guerra derrubando o nazismo ou qualquer outro “ismo” que entrasse na frente da democracia norte-americana. O historiador tem que levar em conta o contexto em que a HQ estudada se encontra para ele poder compreender o motivo pelo qual o autor escreveu o quadrinho, quais são as reflexões filosóficas, sociais e também a crítica que faz a sociedade da época.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José. **Fontes Históricas: Alguns Aspectos Primordiais Para a Pesquisa de História**, 2012.

BITZER, Pauline. **“DR. WIN THE WAR”: A PROPAGANDA POLÍTICO-IDEOLÓGICA ESTADUNIDENSE NO ESFORÇO DE GUERRA (1942-1945)**, 2013.

BLOCH, March. **Apologia da História: ou o ofício do historiador**. Ed-1º. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1993.

BRITO, Gabriela. **Da Crise de 1929 à Grande Depressão: Influências do Padrão-Ouro**, 2010.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX**. Ed-2º. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra: Uma História da Europa Desde 1645**. Ed-1º. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2007.

KRAKHECKE, Carlos. **Representações da Guerra Fria nas Histórias em Quadrinhos Batman- O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979-1987)**, 2009.

RIBEIRO, Álvaro. **Fontes Históricas e Ensino de História: Olhares Sobre o Medievo**, 2014.

SILVA, Kalina. SILVA, Maciel. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Ed-2º. Editora Contexto, São Paulo, 2009.

SOUSA, Celso. **Os Quadrinhos Como Forma de Propaganda Ideológica**, 2009.

VIERIA, Roger. **Os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial: a guerra como elemento dinamizador da economia norte-americana**. 2011.

XAVIER, Glayci. **Histórias em Quadrinhos: Panorama Histórico, Características e Verbo-Visualidade**, 2019.